

O LUGAR DA FILOSOFIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA CONTEMPORÂNEA

Gildimar Guilherme da Silva¹
Junot Cornélio Matos²

RESUMO

O artigo propõe pensar o lugar da filosofia na escola como um lugar de fala. Na escola, especificamente na aula de filosofia escrever é filosofar, é o lugar por excelência, ato de rebeldia e ousadia onde os atravessamentos se materializam –sendo por meio das experiências que a escrita acontece. Escrever é uma das tantas experiências possíveis para, a partir delas, representar as filosofias e os lugares de fala. Colocamos no plural por convicção de que já não é mais possível, assim como nunca o foi colocar a filosofia nos cânones da singularidade, determinando os saberes que adentrariam a escola e os saberes que ficariam a margem, ocupando outros espaços. É possível filosofar com as pessoas que pensam diferente, com culturas plurais, de saberes plurais, sem reduzir ou excluir as pessoas, lugares e ou acontecimentos. A escrita, como lugar das tessituras filosóficas, aproxima os saberes, os povos, a raça humana e através dela podemos filosofar. O lugar de fala diante da vida que se tece na escola deve ser singular-plural, um espaço onde todos podem externar as inquietações para com a vida e o mundo da vida. Compreendemos que é possível experienciar o lugar quando ele está vinculado à ideia de acontecimentos e de experiências outras, e não como um experimento cientificizado. O lugar que buscamos apresentar, ainda que com inúmeras arestas, está vinculado ao que nos acontece quando a experiência nos toca. Utilizando como suporte teórico e metodológico a fenomenologia, para categorização e organização dos dados, os estudos de Jorge Larrosa sobre a experiência e o conceito de Djamilia Ribeiro sobre lugar de fala. E, Utilizando-se da escola de educação básica como espaço para realização da pesquisa de campo.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino; Lugar de fala; Fenomenologia; Experiência.

INTRODUÇÃO

O lugar de fala diante da vida que se tece na escola deve ser singular-plural, um espaço onde todos podem externar as inquietações para com a vida e o mundo da vida. Isso porque, uma filosofia que não provoca tremores na vida do sujeito, não possibilita que ele desperte do sono imposto pela conjuntura capitalista, onde o sujeito é só mais um.

Pensar a escola, pensar esse lugar de fala na escola como um pensar de “verdades” tecidas pelas experiências plurais de mundo, contrapondo-se a uma escola que se propõe a fazer sempre o mesmo, repetindo infinitas vezes coisas iguais, assumindo de forma

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Mestre em Filosofia (PROF-FILO/UFPE). Graduado em Filosofia (ISTA-BH/MG). Professor de Filosofia da Educação (Curso de pedagogia – UNEAL/Campus II). E-mail: gildimar@live.com;

² Professor orientador: Professor do departamento de Filosofia (CFCH/UFPE). Professor do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) núcleo UFPE e do Mestrado Acadêmico em Direitos Humanos (PPGDH/UFPE). E-mail: junotcmatos@gmail.com.

irrefletida o papel de reprodutora de ideias prontas, para que no final do ano alguém que também vivenciou o processo de repetição pudesse dizer que estavam aptos para ensinar a outros como se aprende – A filosofia não tem espaço nesse lugar, resta-lhe a desobediência, o pensar como uma fuga da mesmice que lhe é imposta.

Também nos perguntamos sobre se de fato o pensamento crítico vem sendo sufocado por aqueles que deveriam ensinar e se estes, professores e alunos, estão fazendo o oposto, impedindo que as questões externas o impeça de construir um pensamento autônomo, uma consciência que pensa a si mesmo na relação com a humanidade.

METODOLOGIA

O lugar de fala filosofia na escola de educação básica contemporânea que buscamos apresentar, ainda que com inúmeras arestas, está vinculado ao que nos acontece quando a experiência nos toca. Utilizando como suporte teórico e metodológico a fenomenologia (Espósito, 1993), para categorização e organização dos dados, os estudos de Jorge Larrosa (2014, 2018) sobre a experiência e o conceito de Djamila Ribeiro (2019) sobre lugar de fala. E, Utilizando-se da escola de educação básica como espaço para realização da pesquisa de campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Algumas escolas de educação básica têm possibilitado ainda que em dimensão micro o desenvolvimento de espaços para as tessituras de mundos, filosofias e saberes plurais. Ao mediar os saberes, pautando os acontecimentos e as experiências, tecendo com os estudantes a compreensão sobre a vida e o mundo da vida, o professor concomitantemente prepara-os para as realidades e cotidianidades em que estão inseridos.

quando os alunos entram na sala de aula, não entram apenas na sala aula de tal professor, mas sim entram ao estudo de uma matéria, dessa matéria que o professor dá, transmite ou compartilha. A sala de aula é o lugar do professor, sim, mas é, acima de tudo, o local de estudo. (Larrosa, 2018, p. 230).

São essas tessituras – a sala de aula como local de estudo – que tornam possíveis o lugar de fala da filosofia, onde os sujeitos são convidados a viver a intensidade das experiências, a abertura para que a experiência se realize e se coadune com as demais,

levando o aluno a perceber o impacto dos acontecimentos em suas vidas. Dessa forma, seria um apaixonar-se pelo cotidiano sem tornar-se submisso ao sistema.

Na escola de educação básica contemporânea sempre foi preciso amar o simples. O simples advindo do lugar de fala na cotidianidade, que se constitui atravessada pelo mundo da vida. sem cair no erro de achar que a vida é um dado em si mesmo.

E, quando fazemos a afirmação de que existe um lugar de fala na aula de filosofia, devemos nos questionar sobre quem pode falar³, sobre a quem é dada as condições de visibilidade para que a voz se efetive na sala de aula, sem impor um lugar, todavia o professor deverá buscar construir outras perspectivas, reconhecendo que quando falamos, relação que se tece na sala de aula pela mediação professor-aluno, não estamos falando de experiências de falas individualizadas necessariamente.

Como bem sabemos, existem diversos silenciamentos que atravessam a realidade escolar e em particular a sala de aula, sendo a grande maioria deles estudados a mais de um século, em diversas partes do mundo. Quando esse silenciamento chegam à sala de aula, deve-se recorrer a reflexão diante dos atravessamentos, pois “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. (Ribeiro, 2019, p. 64).

O lugar de fala é sempre plural, seja na escola ou na cotidianidade de um sujeito tecido por incontáveis experiências, ainda que muitas delas sejam esquecidas ou silenciadas, todavia a compreensão desse lugar é que se dá na singularidade, e a demarcação desse lugar é fundamental para que todos saibam que são capazes, não só demarcar, de compreender o pensamento e seus atravessamentos a partir da fala, como dar igualdade de condições para que todos tenham um lugar subjetivo-plural, capaz de responder as questões que instigam a vida que pulsa em seus corpos.

Pois, não devemos pensar um lugar de fala, como um lugar de um sujeito – nesse caso específico de alguns alunos - e não de outro, e quando fazemos, na condição de professor/mestre, estamos deixando transparecer que só e somente só aqueles é que detêm o conhecimento, que possui o privilégio social (Ribeiro 2019), evitando ou negando a possibilidade de ter ou ampliar as experiências ali mencionadas pelas vivências e acontecimentos.

O professor e filósofo espanhol Jorge Larrosa, em seu livro “Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor” (2018), afirma se sentir envergonhado ao perceber que o lugar de fala aqui no Brasil é tido por muitos brasileiros como um lugar

³ Cf. Ribeiro (2019, p 41) “Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”.

seletivo, invalidando a fala dos que pensam diferente, afirmando que existe um lugar, uma verdade que não está acessível para todos.

O que envergonha o professor Larrosa (2018), é a anti-experiência atribuída ao lugar de fala, não é diferente do que a professora Djamila Ribeiro (2019) nos apresenta em seu livro Lugar de fala. A diferença talvez seja a não repetição de um conceito, mas sim a multiplicidade que esse conceito traz em si mesmo, e as consequências provocadas pelo esvaziamento do sujeito e da língua/conceito tecida por ele. Falamos exaustivamente em criar lugares de fala, mas pouco se tem feito para que o sujeito tenha voz.

Reafirmamos que não há possibilidades de pensar a experiência quando se determina um lugar exclusivo para um determinado grupo expressar-se sobre suas experiências de mundo, colocando os demais sujeitos sempre à margem do existir no mundo da vida e na experiências, negando ao outro a capacidade de compreensão e até mesmo de vivências plurais.

Sobre o lugar de falar na sala de aula, retornamos a compreensão metodológica adotada pelos professores Larrosa (2018) e Ribeiro (2019) e recordamos um dado quase invisível na literatura filosófica brasileira no quesito filosofia e ensino de filosofia que são os escritos, a memória e a vida camusiana, mas que é fundamental para continuarmos nossa jornada, quando ele diz “os métodos mudavam com os homens” (Camus, 2022, p. 235-236).

Para afirmar que a escola de educação básica não é um lugar de fala privilegiado, de métodos celetistas, o professor deve criar em conjunto com o aluno as condições necessárias para que eles possam expressar o pensamento, as emoções e os atravessamentos oriundos da cotidianidade e do mundo da vida.

Isso porque, é na escola e de forma particular na exposição da filosofia pelo filosofar na sala de aula, pela mediação do sujeito para com o mundo que se interpela a cada acontecer, que o professor tem possibilitado ao aluno tecer saberes para com as filosofias e com o mundo.

o professor dá tempo, faz tempo. Primeiramente, por que ele sabe que o mundo não começa agora, entende que os novos chegam a um mundo que já existe e, portanto, sabe que dar o mundo é dar um mundo velho, envelhecido, um mundo anterior, feito de tempo e que mostrar os traços, as rugas e as podridões do tempo; mas também sabe que dar o mundo é dar inclusive as possibilidades do mundo e as possibilidades de renovação de rejuvenescimento do mundo (Larrosa, 2018, p. 192).

O lugar de fala do professor em sala de aula diferencia-se das demais mediações, durante a aula e fora dela, quando assume o papel de mediar a experiência da vida que está por acontecer, ele convida o sujeito para estar presente, uma presença para além da conjuntura, uma presença que se coloca como responsável por mediar o presente.

Larrosa (2018, p. 201) ao falar sobre a filosofia observa que “[...] a filosofia nasce ensinando-se, e a maioria dos filósofos tem feito do ensino parte de sua maneira de fazer filosofia”. Contudo, o lugar de fala enquanto experiência filosófica na escola encontra-se em crise existencial, um esvaziamento conceitual do filosofar, sufocado por um sistema anti-experiência, quando o professor não consegue mediar o filosofar sobre a vida e o mundo da vida na sala de aula.

Diante desse contexto, o professor da educação básica se insere como mediador pela construção e renovação dos conhecimentos com os alunos, tendo nas realidades socioculturais destes os cenários para a contextualização das aprendizagens que poderão ser compartilhadas.

Segundo Larrosa (2018), na sala de aula os saberes estão conectados com o passado e em diálogo permanente com o presente. O lugar por excelência em que os estudos se entrecruzam com os conhecimentos sistematizados pela universidade – responsável pela construção e organização dos saberes teóricos sistematizados – e a realidade sociocultural dos alunos.

De acordo com Espósito (1993, p. 41) “A escola, considerada como instituição social, apresenta-se prévia e culturalmente dada não só aos educandos, mas a todos que dela participem.” Construir os espaços que se atravessam pelas derivações/experiências de mundo passam a ser um viés para aqueles que buscam afirmar-se na pluralidade de falas e acontecimentos que chegam até a escola pela cotidianidade da vida.

Percebendo aquilo que estava dado antes de cada sujeito fazer parte do meio, assim como, perceber e perceber-se nas experiências e acontecimentos, compreendendo o processo pelo qual chegaram à escola e como ocuparão a escola consciente de si e do mundo.

Esse lugar ocupado pelo professor de filosofia na educação básica não se limita a tessitura de um fazer técnico/maquinal⁴, obedecendo um método sem reflexão, nem se

⁴ Ter um professor repetidor de ideias prontas, teorias acabadas, fechadas em si mesma, não corresponde aos anseios dos alunos e de alguns pais que viam ali a necessidade de repensar o modelo educacional. O conhecimento era transmitido para os alunos sem uma maior reflexão sobre o método que estava sendo utilizado. Aprendia-se como e nunca com o professor, um saber pronto e irrefletido, despertando aversão ao saber, que estava sendo abordado.

limita a um lugar de reprodutor de saberes engessados que visam apenas a reprodução de práticas tecnicistas onde “os garotos já estão preparados para serem empregados perfeitos do trabalho flexível de nossos dias, esse que requer um sujeito completamente vazio e esvaziado” (Larrosa, 2018, p. 25).

Buscamos apresentar e pensar um outro lugar, talvez um modo de ser e existir do professor na escola de educação básica contemporânea, visto a partir dos saberes mínimos, múltiplos e comuns advindos das experiências e acontecimentos no cotidiano e no mundo da vida. Reconhecendo a força dos saberes plurais, não para repetir o mesmo, mas para gerar o novo.

Um grande exemplo sobre a experiência do lugar de fala da filosofia na educação básica foi descrito com leveza, tremores e poesia pelo escritor e filósofo Albert Camus ao se referir ao seu professor da escola comunal o professor Germain⁵. Em uma de suas cartas destinadas à Camus, o professor diz:

O pedagogo que quer exercer conscienciosamente sua profissão não perde nenhuma oportunidade de conhecer seus alunos, seus filhos, e a elas se apresentam constantemente. Uma resposta, um gesto, uma atitude são amplamente reveladores. (Camus, 2022, p. 363).

A falta de clareza sobre o papel/lugar da escola na sociedade contemporânea, sua função social e política e sobre o que de fato faz com que a escola seja uma escola e não outra coisa, tem provocado inúmeros debates, principalmente porque é nesse lugar que os sujeitos são instruídos para criar possibilidades de compreensão dos fenômenos da natureza, da cultura, das linguagens, entre outras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aparentemente, tudo está igual diante do lugar da experiência filosófica sobre o lugar de fala, até porque esse lugar⁶, a escola como fenômeno e de modo particular a sala de aula, entendida como lugar para que o saber aconteça, na maioria das escolas nem sequer existe. Isso porque, a grande maioria apresenta a vida como uma unidade já pensada, com um destino já traçado.

⁵ Cf. Carta de Luis Germain, 30 de abril de 1959. (Camus, 2022, p. 363-367).

⁶ Cf. Espósito (1993, p. 39) “Lugar não se coloca aqui na acepção física ou geográfica do termo, mas na sua condição ontológica, indicando a posição que o homem ocupa no mundo.”

Essa afirmação se dá pela observação dos resultados apresentados pelas instituições escolares ao demonstrarem a incapacidade do sujeito particular e da instituição de modo geral de estabelecerem laços entre aqueles que coabitam, de construir saberes que se coadunam com as experiências de mundo, limitando-se a pensar e conceituar a escola a partir da localização geográfica.

Desconhecendo o chão e as realidades que fazem da escola ser o que é e não outra coisa, que se pareça com uma escola e não com outros espaço qualquer. Isso porque, temos esquecidos ou suprimido da escola espaços como o brincar e a construção grupal de saberes, deixando apenas o que supostamente está curricularizado a partir dos saberes maiores e institucionalizados que adentraram a escola.

E aqui, nos deparamos com dois lugares, sendo o primeiro o lugar de fala e o segundo que deriva do primeiro o lugar da experiência que antecede a fala – o que é dito faz parte do discurso a partir das experiências de mundo – e que sucede a fala pela escrita da vida.

E o lugar na escola – a sala de aula – que deveria ter vida, que teria por função despertar o pensar, a fala, a inquietação diante do mundo, encontra-se ocupado por professores-máquinas, alunos-máquinas “[...] preparados para ser empregados perfeitos do trabalho flexível dos nossos dias”. (Larrosa, 2018, p.25), exercendo a repetição irrefletida de inúmeros saberes desconexos da realidade. Sabemos que,

na sala de aula não está a verdade, mas deve haver uma relação com a verdade. É preciso ler, escrever, conversar e pensar “de verdade”: sempre se trata de verificar alguma coisa. [...] sabemos que, enquanto estávamos aí, alguma coisa foi pensada e, de alguma maneira embora não seja verdade, se tornou verdadeira. (Larrosa, 2018, 336).

Enquanto educadores, por diversas vezes assumimos o papel de professor-máquina, limitamo-nos cada vez mais a cumprir os pré-requisitos apresentados pela gestão escolar. Deve-se à equipe gestora, professores, pais e alunos elaborarem em conjunto as boas práticas pedagógicas, compreendendo a dimensão das experiências e dos saberes que se conectam com a escola, com a vida e o mundo da vida.

Esse conformismo tem adoecido o professor, que já não encontra sentido para o que faz em sala⁷, e o aluno ao não encontrar um sentido, ainda que provisório, para o que a ela propõe, acaba evadindo, buscando outros espaços.

⁷ Se não compreende o acontecido, este nada pode dizer. A experiência da/na escola requer a pluralidade.

Essa disciplinarização dos corpos, imposta pelo capital a grande massa, como modelo de sucesso para uma nova geração tem provocado a submissão de alguns e a rebeldia de poucos que rejeitam “todas as tentativas de converter a sala de aula em uma máquina” (Larrosa, 2018, p. 204).

Assim como, devido a jornada extensa de trabalho e condições cada vez mais precárias, grande parte dos professores não criam um perfil identitário com escola (Tardif, 2014) e ou com a comunidade, limitando-se na maior parte do tempo a cumprir o que está na grade curricular sem se permitir, que fique claro por falta tempo, a pensar se de fato o que está proposto ali condiz com a realidade/chão escolar, a construir-se num lugar onde a fala desperta olhares para os acontecidos da vida e do mundo da vida. Uma construção possível quando o professor tem estabilidade e condições para exercer a docência.

Diante dessa realidade, o maior risco enfrentado pela escola, e por todos que a compõem hoje é que ela possa se tornar uma fábrica, estando cada vez mais parecida, cada vez mais técnica (Larrosa, 2018).

a função da filosofia na escola tampouco seria a de dar ferramenta aos jovens para adaptarem-se ao mundo de hoje, mas antes mostrar diversos recursos teóricos que possam ser utilizados para pensá-lo e eventualmente transformá-lo. (Cerletti, 2009, p. 74).

Falar desse lugar de fala na filosofia, e nas filosofias que se manifestam na sala de aula como um grito mediado pela experiência, só é possível quando o sujeito que fala tem consciência dos fatores que tantas vezes inviabilizam a escola, o fazer escola, quando ele – o professor-aluno – compreende a importância da filosofia para pensar o mundo da vida e eventualmente, assim como propõe Cerletti (2009) transformá-la.

Tanto o professor quanto o aluno – numa escola onde não há lugar para o pensar – se deparam cada vez com os excessos da informações descontextualizadas dos conhecimentos advindos das teorias e das experiências e acontecimentos de mundo em seus diversos formatos e induzidos por ela, e pela conjuntura proposta pelos saberes macro, se dizem aptos para opinarem sobre tudo e todos.

Esses mesmos sujeitos que não se permitem acontecer tão pouco terão condições para dizer de si e do mundo, visto que o lugar de fala a priori é o lugar que o sujeito ocupa no mundo da vida. E, aqueles que desconhecem a realidade de mundo onde estão inseridos com seus pares, tão pouco ou quase nada terão a contribuir para o pensar filosófico, assumindo um lugar onde o pensar acontece unilateral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dias vão passando, cada ano/ciclo uma nova repetição de ideias e saberes que por vezes não se coadunam com a vida que nasce no chão da escola e nada de novo acontece na sala de aula, e não acontece porque não há espaço para as experiências outras, essas que advém dos achados, dos saberes mínimos, dos ditos e acontecidos no que está fora da grade, fazendo parte do mundo-vivido, resistindo às formas impostas, contrapondo-se a quem foi instituído a legitimidade da fala.

Sabemos que não é fácil assumir uma nova postura, um novo lugar de fala na escola de educação básica contemporânea. Fazemos referência ao novo⁸ por acreditarmos que um sujeito que se permite acontecer (Larrosa, 2014) tem as condições necessárias para delimitar com clareza o lugar de fala, seja na sala de aula ou fora dela.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Trad. Clovis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2022.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ESPÓSITO, Vitória Helena C. **A escola: um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

⁸ E não é o Novo Ensino Médio aprovado pelo congresso brasileiro conforme a Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/sancionada-lei-que-reestrutura-o-ensino-medio>>. Acesso em: 04 ago. 2024.